



Um Aluno Surdo na Escola Regular

Entrevista realizada pela professora Wilma Favorito, do corpo docente do INES, com a professora Elizabeth Bottino do Centro Educacional Anísio Teixeira (CEAT).

O CEAT é uma escola particular de 1º e 2º graus, localizada em Santa Tereza, no município do Rio de Janeiro. Atende crianças ouvintes e tem oferecido a oportunidade de integração a crianças portadoras de necessidades especiais. É importante ressaltar que seu alunado procede de famílias de classe média, o que significa que, quando necessário, seus alunos podem receber atendimento fora da escola.

Considerando-se que o CEAT tem alguns alunos portadores de surdez, entendemos que seria interessante abrir um canal de comunicação com a escola, objetivando conhecer o trabalho lá realizado com as crianças surdas para divulgá-lo nesta revista.

A entrevista, cuja síntese segue abaixo, refere-se a uma aluna (G.M.M.) da pré-escola que frequenta o Jardim I. G.M.M. tem 3 anos, é portadora de surdez bilateral profunda e é a única criança surda de uma classe de 22 alunos. Antes de ingressar no CEAT, foi atendida no INES pela equipe de Educação-Precoce e Maternal I, de março de 1991 a dezembro de 1993. Desde 2 anos recebe atendimento fonoaudiológico na Associação de Reabilitação e Pesquisa Fonoaudiológica (ARPEF), onde desenvolve diversas atividades de reabilitação.

A entrevista foi realizada no CEAT, em um único contato com a professora Elizabeth, que gentilmente se dispôs a dar seu depoimento. As perguntas versa-

ram sobre questões relativas à integração, comunicação, desenvolvimento global da aluna (cognitivo, psicomotor, afetivo-emocional), bem como sobre a natureza do apoio técnico-pedagógico oferecido à professora.

No que diz respeito à integração, até o momento não foram registradas manifestações de rejeição a G.M.M. Ao contrário, as crianças a aceitam muito bem não só porque, como diz a professora, "ainda não sabem muito sobre a discriminação", mas sobretudo porque G.M.M. luta bastante pelo seu espaço. Ela se sente muito à vontade na escola, é extremamente independente e está sempre ajudando os amigos: "É a única que reconhece todos os pertences dos colegas. Quando encontra algum objeto esquecido por uma criança na sala, ela fala o nome da criança e pede para a professora guardá-lo."

Quando G.M.M. entrou para o CEAT, todos sentiram muitas dúvidas sobre como seria a co-

municação com ela. Inicialmente a aproximação se deu pelo contato afetivo. E pouco a pouco G.M.M. começou a interagir com adultos e crianças, ensinando-lhes sinais que poderiam facilitar a comunicação. O principal deles foi o sinal correspondente a “pedir desculpas” que, segundo G.M.M., deveria ser usado pelas outras crianças quando a machucassem ou a aborrecessem. Este sinal era a única forma de ela compreender que o outro reconhecia o erro e então ela poderia parar de chorar.

Além de alguns sinais da LIBRAS, que ela vem aprendendo na ARPEF, G.M.M. faz amplo uso de gestos naturais. A professora relata que, em uma das atividades desenvolvidas na pré-escola, com todas as crianças organizadas em rodinha, G. contou sua ida a uma festinha de aniversário batendo palmas e sugerindo que apagava uma velinha no bolo. Em outra ocasião, na biblioteca da pré-escola, enquanto a professora explicava que cada livro tem o seu símbolo (peixinho, coração, flor...) de acordo com a prateleira em que se encontra, G.M.M. mostrava seu entendimento fazendo um sinal (natural) correspondente a cada símbolo.

Além dos sinais, G.M.M. também procura se comunicar oralmente. Nem sempre se faz entender, mas o grupo se esforça em compreendê-la, o que a estimula a interagir com todos os colegas ouvintes. As crianças per-

ceberam rapidamente que é necessário ficar de frente para ela para se comunicarem; assim como é preciso que a toquem, quando ela está de costas, para que ela saiba que querem lhe falar algo.

G.M.M. interage muito bem não só com as crianças de sua classe, mas também com as outras crianças do pré-escolar. Adora visitar e explorar o espaço das outras salas. Experimenta especial contentamento quando encontra outros dois colegas surdos que estudam no CEAT, em séries mais adiantadas. Curiosamente, pelo que observou a professora, os três só se comunicam em língua oral, nesses encontros.

Com relação às áreas do conhecimento trabalhadas na pré-escola, G.M.M. destaca-se na área de artes plásticas, apresentando grande capacidade de concentração durante as atividades e criatividade na elaboração de seus trabalhos. Quanto à língua escrita, já reconhece bem seu nome e de todos os seus colegas e adora contar histórias para a turma. Seu raciocínio lógico e memória também estão bem desenvolvidos, como se pode constatar por seu desempenho com números e nos jogos de memória. Segundo a professora, “por mais que se embaralhem as cartas, ela descobre tudo rapidamente; em

tudo que está ligado à memória visual o desempenho dela é excelente!” O mesmo pode ser dito com relação às atividades que envolvem dramatizações, pois possui expressão corporal muito rica. Além disso, adora assumir diferentes papéis interagindo com as outras crianças.

No que diz respeito à avaliação de seu desempenho a professora utiliza os mesmos critérios aplicados a todos os alunos. No dizer da professora, “G.M.M. é uma criança tão capaz que não seria justo com ela avaliá-la de forma diferente”.

O CEAT, como relata a professora, investe muito na busca de orientação para lidar com uma aluna portadora de surdez. A coordenação da pré-escola além de visitar várias escolas que também recebem alunos surdos, mantém estreito relacionamento com a ARPEF onde G.M.M. recebe atendimento especializado.

A professora Elizabeth termina seu depoimento ressaltando a importância de ter em seu grupo crianças com características diferentes, pois acredita que esta interação é importante não só para o desenvolvimento dessas crianças como de todo o grupo. E por último, enfatiza que aprendeu muito com essa experiência e que estaria “disposta a fazer tudo de novo”. Em suas palavras, “a partir do momento que a gente lida com o diferente, despertamos nossa sensibilidade para as diferenças nossas e dos outros”.